

Vida de executivo

No folclore corporativo, o executivo tem lugar de destaque, porém ocupado por estereótipos. Por um lado, ele é visto como alguém dotado com capacidade superior, capaz de criar visões de futuro e mobilizar seus liderados. Por outro, sobretudo depois dos recentes escândalos financeiros, ele é percebido como um indivíduo sem escrúpulos, frio e preocupado apenas com sua ascensão profissional e pessoal.

Entretanto, nenhum desses estereótipos é fiel à dura vida de milhares de executivos brasileiros. Um olhar mais próximo leva a descobrir, no lugar de heróis e vilões, seres humanos que lidam com ambientes turbulentos, duros jogos de interesses e trabalho em excesso. Nesta coluna, apresentamos algumas características dessa realidade, pois acreditamos que superar os estereótipos é o primeiro passo para mudar o estado das coisas.

A primeira característica da realidade dos executivos brasileiros são as longas jornadas de trabalho, verdadeiras maratonas, que exigem enorme resistência física e psicológica – a jornada do executivo brasileiro chega, em média, a 14 horas de trabalho.

A segunda característica é a pressão por resultados. Os executivos locais são cada vez mais pressionados pelos Conselhos de Administração e pelos acionistas a apresentar indicadores de desempenho favoráveis. E não faltam ameaças, sejam elas implícitas ou ex-

plícitas. Adicionalmente, o número significativo de executivos de alta qualificação sem emprego contribui para alimentar o medo do fracasso.

Uma terceira característica são a turbulência, a incerteza e a fragmentação do ambiente de negócios. A variedade de contatos, a enorme carga de informações e a necessidade de tomar decisões rápidas e acertadas criam um ambiente complexo e desgastante para os executivos. Tal contexto também os leva a constantes mudanças: de função, de responsabilidades e até de país. No caso de mulheres executivas, fica impossível conciliar filhos, casamento e trabalho.

Como as empresas, cada vez mais conscientes da importância da qualidade de vida, poderiam ajudar a superar isso tudo? A primeira linha de ação é investir na melhoria da eficiência no trabalho. O excesso de horas extras e o desgaste psíquico é uma grande causa de estresse entre executivos. A segunda linha é criar redes de apoio para tratar de forma mais direta das interferências entre vida profissional e vida privada. E a terceira é combater os estereótipos do líder e os símbolos de poder associados à vida executiva. Cultivar uma imagem de super-homem pode alimentar o ego do executivo no curto prazo, mas tem efeitos danosos para ele próprio e para a empresa no médio e no longo prazo.



Maria José Tonelli
FGV-EAESP